

Estudo de Caso: Óleo de Palma Guatemalteco



Planta que fornece óleo de palma.[efn_note] Oil palm: Fruiting *Elaeis guineensis* by tatters, CC BY-SA 2.0 Source: <https://www.flickr.com/photos/62938898@N00/26853793846> [efn_note]

O óleo de palma é um óleo vegetal extraído da fruta e do caroço das palmeiras, principalmente da espécie africana *Elaeis guineensis*. O óleo de palma é um componente de mais de 50% de todos os alimentos processados vendidos nos mercados de alimentos em todo o mundo. Esses alimentos incluem margarina, batata chips, chocolates, bolachas e biscoitos, sorvetes e sopas instantâneas. Por ser um produto agrícola altamente versátil, o óleo de palma também é usado na fabricação de muitos itens não alimentícios, como sabonetes, xampus, desodorantes, cosméticos, óleos para massagem e lubrificantes para máquinas. Há também uma crescente demanda mundial por óleo de palma como biocombustível.

Além da versatilidade, a palmeira africana possui duas características que a tornam particularmente atrativa para empresas do ramo de cultivo, distribuição e comercialização de alimentos. A palmeira que dá origem ao óleo de palma é uma planta de alto rendimento, produzindo dez vezes mais óleo por unidade do que culturas como soja ou girassol. O óleo de palma também tem um período de gestação relativamente curto, com frutos que podem ser colhidos após apenas dois anos e meio de cultivo. Por tudo isso, o óleo de palma se tornou uma das commodities agrícolas mais procuradas do mundo. O consumo global de óleo de palma cresceu de 15 milhões de toneladas em 1995 para 69 milhões de toneladas em 2018. Nos Estados Unidos, as importações de óleo de palma aumentaram 485% nos últimos dez anos. Atualmente, o óleo de palma é o óleo vegetal mais produzido e consumido no mundo. ¹

O cultivo intenso de óleo de palma começou na Indonésia e na Malásia no início do século XX. Desde aquela época os dois países desmataram mais de seis milhões de hectares de suas florestas tropicais para plantar palmeiras. Atualmente, a Indonésia e a Malásia fornecem mais de 84% ² do suprimento anual de óleo de palma do mundo. Isso fortaleceu a posição das economias da Indonésia e da Malásia no mercado mundial. Internamente, quatro milhões de pessoas em ambos os países dependem direta ou

indiretamente da indústria do óleo de palma para sua subsistência. Os trabalhos ligados à indústria do óleo de palma incluem corte, plantio, extirpação de ervas daninhas, poda, controle de pragas, colheita, transporte por caminhão e refino. A renda média dos produtores locais de óleo de palma pode ser até cinco vezes maior do que a dos produtores tradicionais de lavouras de subsistência. Para alguns produtores de óleo de palma, esse aumento de renda possibilitou uma melhoria no padrão de vida, oportunidades educacionais para seus filhos e acesso a melhores cuidados de saúde.

Pesquisas sobre o crescimento da produção de palma na Indonésia e na Malásia mostram que quando a mudança para o cultivo de palma é feita por agricultores locais com base nas necessidades locais, a produção de palma pode ser ambiental e socialmente sustentável. Isso normalmente é feito intercalando algumas centenas de hectares de óleo de palma com culturas tradicionais de subsistência e mata.



Milhões de hectares de florestas tropicais foram convertidos em monoculturas de óleo de palma na Indonésia, destruindo vastos biomas de biodiversidade.[efn_note] By Achmad Rabin Taim from Jakarta, Indonesia (P3260481) CC BY 2.0

Source:

https://en.wikipedia.org/wiki/Palm_oil

[/efn_note]

No entanto, os problemas surgem quando os agricultores locais são forçados a mudar para o cultivo de óleo de palma por autoridades políticas distantes ou empresas agrícolas e alimentícias nacionais e internacionais, cuja primeira prioridade é o lucro econômico. Nesses casos, grandes extensões de florestas são desmatadas e a terra é convertida em uma monocultura de óleo de palma. O impacto negativo dessas transições em grande escala tem sido bem documentado na Indonésia e na Malásia. Esses impactos incluem extinção de espécies, erosão do solo, poluição do ar e da água, emissões elevadas de CO₂, trabalho infantil, abuso de trabalhadores adultos e conflitos por direitos à terra com povos indígenas.

O cultivo da planta do óleo de palma também foi introduzido recentemente no outro lado do mundo, nas exuberantes florestas tropicais da América Latina. Nela doze países já destruíram grandes extensões de

floresta tropical para cultivar palmeiras africanas.

Atualmente a Guatemala produz o maior rendimento de óleo de palma por hectare do mundo. Quando a planta do óleo de palma foi introduzida pela primeira vez para cultivo na Guatemala, as pessoas esperavam evitar os efeitos ambientais, sociais e econômicos negativos das monoculturas que foram historicamente problemáticas para a Malásia e a Indonésia.

Desde a década de 80 o governo da Guatemala supervisiona a maior parte do cultivo no país da palmeira de óleo de palma em plantações, por meio de acordos conjuntos com empresas agrícolas e alimentícias nacionais e internacionais. As metas econômicas, sociais e ambientais propostas pelo governo eram de aumentar o produto nacional bruto (PNB) do país, melhorar a vida dos guatemaltecos da zona rural e proteger a terra para as gerações futuras. Por todas as estimativas, a primeira meta foi alcançada. O PIB anual tem mantido uma taxa média de crescimento de 3% desde 2012, tornando a Guatemala a economia mais forte da América Central. No entanto, em relação ao cumprimento do segundo e terceiro objetivos, muitos observadores afirmam que a transição para a produção de óleo de palma em grande escala criou sérios problemas sociais e ambientais.

Leia este excelente [resumo](#) do [World Wildlife Fund](#) sobre os problemas ambientais e sociais que costumam ocorrer em países que permitem o cultivo em massa da planta do óleo de palma.

De acordo com a proposta do governo, o cultivo da palma deve melhorar o padrão de vida dos agricultores. Dada a alta demanda global por óleo de palma, faria sentido que os lucros das vendas internacionais de óleo de palma fossem direcionados para melhorias na infraestrutura da Guatemala e na vida do povo guatemalteco. Por exemplo, as melhorias nas áreas rurais deveriam incluir melhores estradas, eletrificação e acesso a água potável. Como o crescimento econômico de longo prazo e a estabilidade no interior da Guatemala exigem uma força de trabalho instruída e saudável, o investimento também deveria ser direcionado à construção de escolas e clínicas de saúde rurais. Não menos importante para o futuro social e econômico da Guatemala é uma força de trabalho financeiramente segura. Os produtores e trabalhadores das plantações deveriam poder contar com o óleo de palma como um meio de subsistência razoavelmente seguro e lucrativo. Ao mesmo tempo, os líderes nacionais deveriam concentrar-se no desenvolvimento de métodos de cultivo que preservassem a saúde da terra, da água e da vida selvagem para as gerações atuais e futuras.

Apesar das declarações do governo, poucas dessas melhorias acompanharam o crescimento do cultivo da palma na Guatemala. Surgiram problemas similares aos vividos na Indonésia e na Malásia, incluindo danos irreversíveis à biodiversidade ambiental da região, abastecimento de água e recursos alimentares. “Grilagens de terras” corporativas e governamentais criam mais espaço para o cultivo da palmeira do óleo de palma, mas expulsam os povos indígenas de seus territórios ancestrais. Muitas pessoas veem essas ações como profanação da cultura material e espiritual dos povos nativos.

Assista a este [vídeo de Friends of the Earth](#) discutindo o cultivo de planta de óleo de palma sob a perspectiva do Povo Indígena da Guatemala.



Milhares de peixes de mais de 20 espécies foram mortos no desastre da refinaria de óleo de palma REPSA em abril de 2015.[efn_note] Source: Enter <https://news.mongabay.com/2015/09/guatemalan-activist-murdered-after-court-suspends-palm-oil-company-operations/> [/efn_note]

O desastre mais trágico relacionado ao óleo de palma na Guatemala ocorreu em 28 de abril de 2015, quando fortes chuvas inundaram os tanques de oxidação de uma refinaria de óleo de palma. O transbordamento levou material tóxico para o rio Pasión, na região de Petén, no norte da Guatemala. Em dois dias, mais de 100 milhas do rio foram cobertas pela mortandade de milhares de peixes e outras formas de vida aquática (Figura 3). Além de perderem sua fonte de alimento, mais de 12.000 pessoas ao longo do rio também perderam sua fonte de água para beber, banho e limpeza.

A empresa responsável pelo vazamento foi a Reforestadora de Palma del Petén SA (REPSA). Esta empresa controla um terço dos 130.000 hectares de cultivo de palma da Guatemala e fornece óleo de palma para as empresas agrícolas transnacionais Cargill e Wilmar. No início, as tentativas de membros do governo guatemalteco de investigar o desastre foram bloqueadas por governos e empresários leais à REPSA. No entanto, em uma decisão histórica, um juiz corajoso decidiu que o derramamento havia sido um “ecocídio” e ordenou que a REPSA suspendesse temporariamente as operações durante a investigação pelas autoridades governamentais.

Pouco depois da tomada dessa decisão, Rigoberto Lima Cioc, o primeiro indígena a documentar os danos sociais e ecológicos das operações da REPSA, foi morto a tiros em plena luz do dia por agressores não identificados. Após o assassinato de Cioc, mais três líderes comunitários foram sequestrados e mortos por pessoas leais à REPSA. Essas táticas violentas tiveram o efeito desejado. O juiz que ordenou a cessação das operações da REPSA foi forçado a recuar e a sua decisão foi anulada. Hoje, a REPSA continua em atividade e os assassinos e agressores que mataram os líderes da comunidade guatemalteca continuam em liberdade.

Desde 2015, comunidades indígenas e organizações de justiça social em toda a Guatemala se reúnem para declarar um retumbante “Não!”. Alguns grupos indígenas, como os da região de Sierra Chinajá, na Guatemala, estão tentando impedir a grilagem de terras para o agronegócio, juntando suas propriedades

familiares tradicionais para formar propriedades comunitárias maiores sob gestão coletiva. Grupos de mulheres pedem o fim do desmatamento em massa e a criação de um equilíbrio entre o cultivo de alimentos para consumo local e o cultivo de óleo de palma para o mercado global.

Este breve estudo de caso do óleo de palma guatemalteco levanta questões sobre alimentos e sistemas alimentares que se aplicam a plantações e animais em todo o mundo.

Margarita Osorio é ativista pelos direitos fundiários indígenas na região de Alta Verapaz, na Guatemala. Leia mais sobre ela e seu trabalho inspirador [aqui](#).³

- Quais processos naturais e características do ecossistema são importantes para o cultivo de alimentos saudáveis em níveis sustentáveis?
 - Que fundamentos e padrões éticos devem orientar nossa tomada de decisão à medida que cultivamos, transportamos, processamos, comercializamos, consumimos e descartamos alimentos?
 - Que significados os seres humanos já deram à alimentação? Como a alimentação às vezes evoca encantamento e transmite uma qualidade sagrada? Quais são alguns dos rituais e crenças sobre alimentos encontrados nas religiões do mundo?
 - Que ações as pessoas estão tomando em todo o mundo para abordar os desafios enfrentados pela qualidade, disponibilidade e sustentabilidade dos alimentos, e que ações podemos tomar?
-

Estudos de caso adicionais

[‘Concheras’ e os Moluscos, Nicarágua \(mapa #36\)](#)

[Os perigos do Atoyac, México \(mapa #35\)](#)